

RESENHA

III CONGRESSO ANDA: O corpo que dança – a criação de espaços na atuação acadêmica e artística

O envolvimento em um evento artístico-acadêmico que agregue conhecimento e novas experiências é muito significativo e gratificante para todos os participantes. Acredito que o III Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA), ocorrido de 2 a 5 de setembro de 2014, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tenha sido um desses felizes encontros. Entre seus participantes estavam artistas; docentes; alunos de graduação e pós-graduação de vários estados do Brasil; palestrantes convidados do exterior, curiosos em conhecer seu público-alvo e a cidade de Salvador, famosa por sua beleza e por seus atrativos culturais; e o grupo de docentes responsáveis pela sua organização, sempre comprometidos e atentos para atender às várias solicitações, mas também visivelmente gratificados pelo sucesso do evento.

Esse Congresso optou por um formato diferenciado dos anteriores, tendo sido a abertura na primeira Faculdade de Medicina do Brasil, localizada no Terreiro de Jesus, uma praça de grande importância histórico-cultural, no Centro Histórico de Salvador. A escolha desse local foi importante, pois de imediato nos colocou em contato com a tradição da Faculdade de Medicina e com as manifestações artísticas e sociais que fazem parte da cultura afro-brasileira inerente ao povo baiano. Esse mergulho numa Salvador histórica contribuiu para despertar a atenção para o passado, mas também trouxe à superfície a necessidade de refletir sobre o presente, de certa forma tão diferenciado e distante da arquitetura local, dos largos corredores da Faculdade, com suas estátuas de mármore e seus jardins internos.

No entanto, o tema do Congresso, **O corpo que dança – a criação de espaços na atuação acadêmica e artística**, propunha indagar quais são os espaços para a dança e de que modo podemos trabalhar e atuar com ela criativamente na Academia. Para encontrar respostas, algumas questões se evidenciavam, causavam inquietação e geravam uma reflexão frequente para aqueles que buscavam esta possibilidade: O que está em jogo no corpo que dança no trânsito dentro e fora da universidade? Como são criados novos espaços de atuação artística e acadêmica? Que ações estão sendo geradas, no âmbito

Julia Ziviani Vitiello

Professora Titular do Departamento de Artes Corporais e do Programa de Pós-graduação Artes da Cena, Instituto de Artes da UNICAMP, São Paulo, Brasil.

E-mail: jziviani@unicamp.br

da universidade, para dialogar com tais experiências, que se constituem no próprio objeto da formação acadêmica?

Ao chegar à Faculdade de Medicina para o primeiro dia do Congresso e olhar em torno, o recém-chegado teria, certamente, se perguntado se aquela Faculdade, com suas sólidas paredes, que transpiravam conhecimento multiplicado pelos anos, não fora escolhida a propósito para receber os congressistas logo na chegada. O espaço e o tempo ali pareciam alertá-los e dizer algo como: “Procure estar no momento presente e escutar cuidadosamente, pois o tempo passa como o movimento constante que flui do corpo que dança”. Entretanto, esse local simboliza as possibilidades que o estudo e a pesquisa acadêmica oferecem para aqueles que buscam o conhecimento, o desenvolvimento de ideias e o flexionar de mentes e corpos para aceitar a mudança recorrente do aprendizado. Mesmo se se considerarmos a dança como a arte do presente e, portanto, sujeita à efemeridade, na Academia, o conhecimento e a pesquisa serão registrados nas linguagens visual e escrita. Desse modo, haverá possibilidade de que outros possam ter acesso ao que foi apresentado e discutido nesse Congresso, de forma que assim possam continuar o estudo e a pesquisa, construindo e sedimentando caminhos a partir desse conhecimento.

Nessa Faculdade de Medicina, o conhecimento parece impregnar a tudo e a todos que por ela passam. Ali foi possível escutar atentamente o que os palestrantes convidados, autores de trabalhos relevantes e nomes de destacada projeção internacional, vieram contar de suas experiências artísticas e acadêmicas. Muitos dos presentes, em meio ao grande número de participantes, estiveram representando os inúmeros cursos de dança hoje existentes em tantas universidades brasileiras. Esse foi o lugar escolhido para estarem naquela semana. Para lá foram almejando encontrar respostas às muitas questões que surgem em meio à solidão do seu fazer diário, pois, ali, com certeza, encontrariam outros em situação semelhante. Todos sentiam necessidade de conversar, compartilhar, discutir, esclarecer velhas dúvidas sobre esta ainda jovem área do conhecimento nas universidades.

O primeiro local de encontro foi o largo corredor da Faculdade, onde estiveram para o credenciamento. Com satisfação, encontraram velhos amigos, colegas de mestrado e doutorado, muitos brindados com um encontro inesperado. São artistas docentes que, em sua maioria, agora se encontram espalhados pelo Brasil, trabalhando em universidades federais e estaduais fora da região Sudeste.

Nos últimos dez anos, tem-se assistido à criação de inúmeros cursos de dança nas universidades brasileiras, o que é muito bom, por proporcionar

um saber diferenciado e amplificado em relação às academias de dança locais. Essa é uma característica própria da universidade, a qual consiste em oferecer um saber diversificado, em vários locais, de diferentes conteúdos e formas. Quando isso ocorre, certamente potencializa um aprendizado de qualidade e passa a disseminar a arte da dança para além da cultura local.

Desse modo, a ocorrência anual do ANDA, tanto no Encontro Científico num ano e no seguinte à realização do Congresso, colabora para que haja um diálogo entre pesquisadores em dança de todo Brasil. O tamanho do território brasileiro e as distâncias entre as universidades ocasionam uma dificuldade a mais para a comunicação e a troca de experiências entre cursos de graduação e programas de pós-graduação. Esses encontros são vitais para o intercâmbio de informação entre docentes e Programas. Mesmo com as facilidades geradas pela comunicação via internet, sabemos que, na dança, a experiência presencial ainda é essencial.

Dentro dessa perspectiva, a ANDA hoje se tornou uma importante entidade, capaz de aglutinar pesquisadores em dança, que se encontram, de certa forma, isolados em seus estados. O contato e a troca de informações entre Programas, desde os mais consolidados até os recém-abertos em diferentes universidades, não só são importantes como vitais para a área da dança. O ANDA favorece esse intercâmbio, reforçando o comprometimento de cada um para o desenvolvimento da área e permitindo o avanço nas pesquisas sobre a arte da dança.

No primeiro dia, após o pronunciamento de boas-vindas, seguiu-se a programação. Organizou-se uma visita à Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) e aos museus no Terreiro de Jesus, o que foi muito interessante. No período da tarde, houve a primeira palestra com a professora convidada, Susan Leigh Foster, da Universidade da Califórnia (UCLA) em Los Angeles.

A palestra de Foster abordou questões muito relevantes para os Programas em dança no Brasil, pois ela colocou dados importantes sobre a produção de conhecimento na área. Por sua relevância, serão aqui abordadas somente suas afirmações no início da palestra, pois parece necessário discuti-las nos Programas de Pós-Graduação uma vez que os posicionamentos a respeito dessas questões ainda geram tensão e divergências. Foster (2014, p. 1) aponta que a

dança constitui um caminho para o saber e o pensar, diferente de outras formas de pesquisar, mas não de menor valia. Na Universidade da Califórnia (UCLA) agora é geralmente aceito que dança é uma forma

de pesquisa e que criar uma nova dança é um caminho gerador de novos conhecimentos acerca do mundo.

Talvez, por já terem tido, na UCLA, a oportunidade de abordar e discutir em profundidade a atuação do artista na universidade e também o que se espera dele como um docente pesquisador produzindo academicamente, as posições defendidas por Foster parecem esclarecedoras e pertinentes.

Para Foster, criar uma coreografia e escrever sobre dança são atividades distintas e, apesar de serem ambas uma forma de pesquisa, cada uma possui um formato distinto: uma é *performance*, e a outra, publicação. Mesmo que sejam atividades diferentes, que necessitem de habilidades distintas, de maneiras diversas para solucionar os problemas, de fisicamente utilizar o corpo e direcionar seus resultados para diferentes públicos, embora de maneiras diversas, ambas as formas estão propondo uma situação hipotética e criando um argumento. (FOSTER, 2014)

Foster continuou sua palestra, abordando três diferentes treinamentos em dança, que, segundo ela, levam a características corporais e coreográficas. Ela os nomeou de *the balletic body*, *the industrial body* e *the released body*, e foram descritos e exemplificados por vídeos.

No último dia do Congresso, ocorreu a palestra de Vida L. Midgelow, da Middlesex University, em Londres, cujo tema foi *Dance improvisation and the Academy: process of liquid knowing and languaging*. Como Midgelow e Foster estiveram em Salvador todos os dias do Congresso, participando ativamente da programação do evento, um fato raro de acontecer pela densa agenda dos convidados, foi possível solicitar, via *e-mail*, as impressões de cada uma sobre o Congresso.

Estou lendo o conjunto de artigos que compõem esta edição do *Práticas Coreográficas*, tendo acabado de voltar do Congresso de Dança ANDA, Salvador, Brasil (setembro de 2014). Estou impressionada com a aparente confluência de questões em torno dos processos de fazer e assistir dança que ocorre em todos os continentes. Salvador é uma cidade pós-colonial que incorpora uma forte influência africana, na qual o hibridismo antecede os contextos espirituais, culturais e de dança. Neste contexto, o congresso e eventos de dança associados estão cheios de discussões que ressoam com temas de legado e transmissão, de estabilidade e instabilidade e de metodologias através das quais podemos (re)considerar (a documentação de) dança. (MIDGELow, 2014, tradução nossa)

Seguindo a programação do ANDA, logo após a abertura na Faculdade de Medicina, os participantes foram convidados a assistir a uma aula na FUNCEB no Pelourinho. Midgelow observa e reflete sobre essa visita no texto abaixo.

Na parte da tarde, no primeiro dia do congresso, em um estúdio de dança na Escola de Dança da Bahia, fomos convidadas para uma demonstração de aula de dança. Os alunos estão estudando danças folclóricas baianas e eu me pergunto: Que tipos de corpos são estes? Capturando a energia de seus professores, os alunos seguem ritmos e padrões e, em seguida, começam a explorar as qualidades de movimento, gestos e narrativas através da improvisação. Enquanto esses jovens bailarinos encarnam essas formas folclóricas por meio de improvisação, um momento híbrido ocorre, no qual as noções de propriedade e tradição são alteradas, mas ainda respeitadas, e as maneiras pelas quais danças e culturas são transmitidas e refiguradas por novas gerações vêm à tona (MIDGELOW, 2014, tradução nossa).

A pesquisa principal e as publicações de Midgelow têm sido sobre a improvisação em dança. Em sua palestra, as colocações sobre a improvisação como pesquisa acadêmica foi muito interessante e tecida com excelentes argumentos. Considerações importantes, pois em diversos Programas no Brasil ainda há uma forte argumentação quanto à criação de espaços acadêmicos e artísticos para a dança.

Em sua palestra, Midgelow defende e aponta como possível trabalhar a dança como disciplina e a prática como pesquisa acadêmica, apesar de, mesmo na Inglaterra, os artistas, os estudantes de todos os níveis e os docentes na academia ainda enfrentarem olhares incrédulos de outros quanto à presença da dança na universidade. Será diferente no Brasil? Infelizmente não é diferente, pois, para muitos, inclusive colegas e pesquisadores, a dança ainda não é considerada um assunto para estudos avançados.

Midgelow considera que, na Inglaterra, a dança está há 40 anos na educação no nível do terceiro grau (no Brasil, há 55 anos). Ela aponta que demorou muito para que a dança fosse realmente reconhecida pelo *British University System* (Sistema de Universidades Britânicas), devido à relutância de muitos em considerar sua validade acadêmica. Sua aceitação só veio a acontecer pela luta de muitos artistas para que ela fosse reconhecida como uma disciplina séria, com possibilidades de sua prática ser aceita como pesquisa.

Sem dúvida, no Brasil, há ainda muito que debater, nos Programas, a respeito das questões competentemente explanadas por Foster e Midgelow, para avançar na busca de caminhos nos quais o conhecimento possa ser entendido e articulado dentro da própria prática da dança. No entanto, passos importantes foram dados neste sentido, conforme as impressões de Foster (2014, tradução nossa) sobre o ANDA 2014:

A reunião agregou um grupo diversificado de estudiosos, artistas e professores, empenhados em todos os aspectos do ensino da dança e de pesquisa. As discussões evidenciaram um discurso muito progressista e inspirador em torno de como investigar dança. O ANDA estabeleceu uma estrutura ágil e responsável pela análise de múltiplos pontos de vista sobre a dança e também para fornecer um retorno aos seus membros sobre possíveis formas de avançar na pesquisa em dança com todas as suas variedades de investigação. O coleguismo foi sincero e generoso, e é indicativo do grande potencial que existe para o desenvolvimento da dança e de seus estudos através do Brasil.

A organização do ANDA programou que os dois dias entre as palestras fossem dedicados aos grupos de trabalho, com apresentações de seus resultados, em diversos formatos no final de cada dia. A possibilidade de maior tempo para os Grupos de Trabalho foi muito positiva, pois foi possível conhecer as pesquisas desenvolvidas em condições e locais diversos e trocar com os colegas informações sobre elas, favorecendo, inclusive, o conhecimento da organização dos Programas das universidades dos seus estados de origem.

Com este III Congresso, encerrou-se a gestão 2012-2014. É importante agradecer o dedicado trabalho dos colegas, que tornou possível um Encontro Científico e o III Congresso em Salvador, na UFBA, com programação e organização cuidadosas e convidados palestrantes de relevância nacional e internacional. Pelos comentários favoráveis das convidadas Susan Foster e Vida Midgelow a respeito do Congresso, pode-se concluir que se caminha bem, e pode-se almejar que o próximo ANDA desenvolva e potencialize o que foi alcançado até hoje.

Segue aqui, ainda, um relato de Vida Midgelow sobre um encontro com capoeiristas no Pelourinho, assim como seus agradecimentos e de Foster aos colegas que organizaram o Congresso ANDA em Salvador.

[...] Andando pelas ruas desta cidade frenética me deparo com pequenos grupos que se reuniram para praticar Capoeira. Juntos na canção,

na música e nos duetos emparelhados, a troca informal torna-se uma forma de aprendizagem, coesão e competição. Suas práticas sugerem que eles possuem noções de presente, passado e futuro e, portanto, podem estabelecer novos termos para uma experiência estética temporal. Enquanto os pares de dançam aos pares dentro da roda (o círculo é formado pelos outros participantes), o céu escurece, cai a noite e me torno consciente de como, através de minha absorção nas trocas rítmicas dos capoeiristas e nas mudanças fáceis entre dançarinos e músicos, o tempo passou sem que eu percebesse.

Sentada agora no conforto da minha própria casa, eu penso em agradecer ao ANDA e, particularmente, a Lenira Rengel (UFBA, Salvador, Brasil), por me convidar para participar do Congresso (MIDGELOW, 2014, tradução nossa).

Estou muito feliz de estar aqui com vocês hoje. Quero agradecer a Lenira Rengel por sua hospitalidade e a oportunidade de visitar esta Conferência. Obrigado por me ouvir em inglês. (FOSTER, 2014, tradução nossa).

Nos últimos meses, com a proximidade do encerramento deste biênio, os colegas começaram a trocar ideias sobre a proposição de uma chapa para o ANDA 2014-2016. Docentes de diferentes partes do Brasil se candidataram para uma chapa única, que foi eleita no dia 5 de setembro, em Salvador. Duas colegas da antepenúltima e última gestão, a proffffi. Dulce Aquino e a proffffi. Lenira Rengel, ambas da UFBA, irão continuar na direção do ANDA neste próximo biênio. Isso é muito positivo, tendo em vista as dificuldades para captar recursos, fazer a programação, organizar os eventos e articular com colegas. Além disso, as colegas já possuem experiência anterior e capacidade de aglutinar novos participantes para o ANDA.

Portanto, que todos os colegas eleitos para a próxima gestão sejam agraciados com uma boa sorte e um ótimo trabalho. Parabéns a todos que, de alguma forma, fizeram parte da organização e participação da ANDA no biênio 2012-2014, pelo sucesso dos eventos e por garantir a continuidade da Associação Nacional dos Pesquisadores em Dança.

Referências

FOSTER, S. *Comunicação pessoal*. 2014. Publicação eletrônica (mensagem pessoal). Mensagem recebida por <ziviani.julia@gmail.com> em 31 out. 2014.

FOSTER, S. *Palestra realizada na abertura do no III Congresso ANDA – O corpo que dança- a criação de espaços na criação acadêmica e artística*. In: Congresso ANDA O corpo que dança- a criação de espaços na criação acadêmica e artística. 3., Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2014

MIDGELOW, V. *Comunicação pessoal*. 2014 Publicação eletrônica (mensagem pessoal). Mensagem recebida por <ziviani.julia@gmail.com> em 3 nov. 2014

MIDGELOW, V. *Dance Improvisation and the Academy: Processo of liquid knowing and languaging*. In: **Congresso ANDA O corpo que dança- a criação de espaços na criação acadêmica e artística**. 3., Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2014.